

EDUCAÇÃO DO OLHAR: A MULHER NAS FOTOGRAFIAS DE CENA DE EMÍDIO LUISI E NAS FOTOGRAFIAS PUBLICITÁRIAS.

Ediel Barbalho de Andrade Moura

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O ensino da arte, na contemporaneidade, pode ir além do objetivo de ampliar o repertório visual, promovendo acesso à diferentes culturas, conceitos, períodos históricos. Por isso a proposta pedagógica arte/educativa deve nos convidar a subverter, a questionar práticas sociais apresentadas por meio de imagens. Diante dessa percepção o trabalho desenvolvido com os estudantes da EJA promoveu a compreensão dos discursos sexista dominantes sobre a figura feminina, e presentes não só nas representações publicitárias, mas também em ações, palavras. Tal prática contribuiu para repensar do olhar sobre representações sociais e culturais da mulher, sendo fundamental para a formação crítica de cidadão, pois contribuiu para a ampliação do olhar transformador sobre um tema tão importante que recorrentemente é debatido.

Palavras-chave: Arte/Educação. Representação. Mulheres

INTRODUÇÃO:

Na contemporaneidade, o papel que a escola exerce na sociedade não é mais o mesmo que desempenhou no início do século passado. A escola como qualquer outra entidade social passou por transformações e acompanhou, com dificuldade, a evolução da sociedade, se adequando às novas necessidades e conflitos emergentes. A escola atual precisa procurar oferecer mais que conteúdos e informações canonizadas pelo currículo comum escolar. Segundo comenta Lira (2016), em seu livro: “Práticas pedagógicas para o século XXI”, o educador deve promover oportunidades de desenvolvimento de habilidades e competências, sempre contextualizadas conforme as realidades e interesses dos educandos, visando não só uma formação profissionalizante, mas que antes seja crítica, cidadã e humanitária (LIRA, 2016).

Diante da tarefa de formar cidadãos, a educação artística, segundo estudiosos, é de fundamental importância no processo formação. Conforme afirma Hernandez (2007), em seu livro: “Catadores da cultura visual”, a educação por imagens se faz importante, pois, essas imagens assumem o papel de “guias”, que direcionam o aprendizado e a construção de conhecimento (HERNANDEZ, 2007). Para o autor, o aprendizado por imagens está passivo as manifestações da cultura visual que rodeiam os educandos, e por isso, utilizar imagens que constituem parte da cultura visual dos alunos, relacionando-as com o cotidiano, é um caminho para promover análises críticas e profundas reflexões sobre tais

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

produções visuais, que diretamente interferem na compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade que se relacionam.

Percebendo a forte presença feminina na turma do 2º ano, da educação de jovens e adultos, de uma escola particular localizada no bairro de Santo Amaro, na cidade de Recife, e diante de posturas machista de alguns estudantes diante de imagens de corpos femininos, contempladas durante a visita à exposição: “Antunes Filho, o poeta da cena”, foi que surgiu intenção de trabalhar o olhar sobre a representação feminina, em especial nas imagens publicitárias atuais e nas fotografias de cena de Emidio Luisi.

Partindo desse contexto e da potencialidade que a educação artística tem em gerar reflexões em indivíduos foi pensada uma proposta pedagógica, uma prática educativa, que contemplasse a produção de um pensamento crítico sobre a representação da mulher em algumas imagens publicitárias e artísticas, a partir de teorias da cultura visual, gênero e Arte/educação.

METODOLOGIA:

Utilizando-se do interesse geral da turma por fotografia, inicialmente a proposta se desenvolveu a partir da história da fotografia, dos tipos de fotografia, dando ênfase à fotografia de cena, e os trabalhos de Emidio Luisi, expostos na Galeria Corbiniano Lins, cujo a turma teve a oportunidade de visitar.

Tendo como metodologia a proposta triangular, de Ana Mae Barbosa (1998), foram desenvolvidas: leitura e contextualização das imagens, e posteriormente a produção artística de colagem que será comentada mais à frente. Os alunos tiveram, durante a prática, momentos de debates, o que contribuiu para gerar relações entre as imagens a partir da contextualização delas num cenário histórico e social e político, e, principalmente, com as próprias experiências vida conforme sinaliza Fernando Hernandez, “A cultura visual, quando se refere à educação, pode se articular como cruzamento de relatos [experiências] [...] que permite indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre cada um de nós” (HERNANDEZ, 2011, p.34).

Para discutir a representação da mulher na sociedade, a partir das obras de arte, partiremos da compreensão que a leitura visual que construímos a respeito do mundo é reflexo das narrativas históricas e culturais, que são comumente impostas por algum discurso de poder que direciona a maneira de pensar sobre determinado tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Enxergar imagens que estabelece massivamente um pensamento em nosso cotidiano e em nossa cultura, como a sexualização da mulher, é compreender as práticas sociais no âmbito doméstico, escolar, político, mercadológico, pois conforme afirma Débora Fleck, “a cultura se apresenta na forma de diversos processos sociais” (FLECK, 2011, p.10).

Ao longo da História da Arte podemos analisar como essa relação entre discursos dominantes de uma cultura e as representações femininas foi estabelecida. Para ilustrar apresentaremos a seguir de três imagens de três períodos diferentes da história, cujo são contextualizadas em momentos culturais diferentes (Imagem 01).

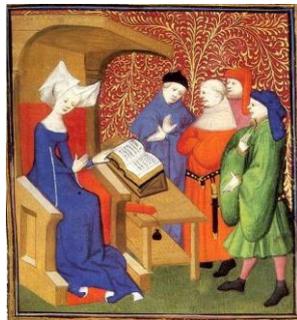


IMAGEM 01 - Imagens de domínio público. Fonte: Google imagens

A Vênus de Willendorf, uma representação idealizada do feminino na pré-história, e que podemos imaginar qual era a importância dada a mulher na sociedade, nesse período. A mulher, segundo Fleck (2011) era determinada como reprodutora, como possuidora do “poder mágico” de gerar vida.

A segunda imagem trata-se de uma pintura medieval, período em que a mulher foi representada como ser inferior, responsável pela incitação ao pecado, pela sedução luxuriosa. As mulheres desse período, segundo a autora, são retratadas como submissas à uma causa espiritual ou social, como forma de estimular a catequese e repressão.

Por fim na última imagem, a representação da vênus de Botticelli, que foi produzida no período da renascença, período onde o pensamento dominante da época considerava as formas femininas perfeitas, portadoras da beleza, e tinha como objetivo romper com a visão da igreja (FLECK, 2011)

A discussão sobre o poder que essas imagens têm em estabelecer e transmitir conceitos e valores deve ser vista como algo necessário para a compreensão das representações atuais presente nas

mídias, sobre isso Fleck comenta que “ na cultura visual, os signos são vistos como estratégias implementadas para construir identidades, elaborando modelos de comportamento, valores e imagens que permitam o entrosamento de grupos culturalmente identificados” (FLECK, 2011, p.22), a partir deste pensamento podemos entender que as formas de representação do feminino, em diversos períodos históricos estão embasadas em discursos políticos que legitimam o controle social, inserindo, inconscientemente, os papéis sociais da mulher.

Diante da afirmação da autora podemos concordar com o pensamento de Hernandez sobre o estímulo a educação por leitura das imagens, ao considerar fundamental a cultura visual, compreende-se que é dever do educador levantar questões que levem o aprofundamento sobre um tema, indo além da contextualização historicista e técnica, contribuindo para o desenvolvimento de novos pensamentos e saberes pelo aluno, pois como Hernandez comenta “quando os educadores não provocam os estudantes a prestar atenção às manifestações da cultura visual, a partir de uma análise crítica, podem acabar validando esses prazeres e deixando de ajudá-lo a construir ou melhorar sua autocrítica. ” (HERNANDEZ, 2007, p.67).

Partindo dos conceitos apresentados a visita à exposição: “Antunes Filho, o poeta da cena”, ocorreu primeiramente com um momento de livre circulação dos alunos entre as obras, para que eles pudessem observar os trabalhos apresentados. Nesse momento percebeu-se a empolgação da turma e uma inquietação, por parte de alguns, diante das imagens de nudez, em especial das figuras femininas presentes nas seguintes imagens (imagem 02 e 03)



IMAGEM 02 - A imagem do espetáculo “A hora e a vez de Augusto Matraga” (1986). Fonte: Google imagens



IMAGEM 03 - A imagem do espetáculo “Drácula e outros vampiros” (1996). Fonte: Google imagens

Diante do que a imagem do espetáculo “A hora e a vez de Augusto Matraga” apresentava, chamou a atenção dos estudantes a nudez feminina. Na imagem a personagem está vestindo uma saia longa e estava apenas com os seios expostos. Essa mulher aparece sendo segurada brutalmente, por dois homens, em um cenário que lembra uma taberna. Tal representação observada direcionou o olhar para as questões de violência contra a mulher, e como a ideia da mulher como “objeto sexual” construída pela cultura machista contribui para os altos índices de feminicídio.

Através da imagem do “Drácula e outros vampiros” discutiu-se sobre a imagem da mulher frágil, vulnerável, e de como essa representação não representa algumas mulheres da atualidade, mulheres estas que lutam por visibilidade e independência. Foi comentado que esse tipo de imagem é recorrente em algumas produções imagéticas, e que indiretamente impõe uma visão distorcida da potencialidade (força) que a mulher possui.

Para discutir esses temas aguçados pelas fotografias, primeiramente foram abordados conceitos técnicos da fotografia, e em seguida, por meio do seguinte questionamento de um estudante: “por que elas estão peladas?“, buscou-se pelo viés da história da arte perceber e construir uma perspectiva sobre a forma como a mulher pode ser representada em imagens.

Após ouvir as falas (leitura das obras) dos estudantes, e em específico a respeito da nudez presente nas imagens, foram apresentadas outras quatro imagens publicitárias onde as mulheres estavam representadas de forma sexy, e recatada

(imagem 04), como propósito de que fosse construída uma relação entre as imagens das fotografias de Emidio e as publicitárias.



IMAGEM 04 – Imagens publicitárias, de domínio público. Fonte: Google imagens

Foi questionado se a nudez presente nas fotografias tinha a mesma intensão do contido nas imagens publicitárias. A maioria da turma disse que não achavam a representação nas fotografias de Emidio vulgar, pois se tratava de um nú artístico, representativo, diferentemente das imagens publicitárias, na qual as mulheres “estão desta forma” [nuas] para chamar a atenção para o produto.

Outra questão que foi discutida e que chamou a atenção dos alunos foi a associação sexista da mulher do comercial de cerveja à uma prostituta. Diante dessa visão foi preciso desenvolver argumentos que repensasse tal associação. Foi comentado que a representação da mulher não revelava quem ela é, mas que negativamente tem a intenção de gerar associações que por vezes são perigosas, distorcidas.

A ideia trazida por um aluno de que a mulher do comercial da cerveja é “safada”, se trata de uma construção imposta implicitamente pela sociedade, utilizada pelas empresas, que equivocadamente associa a imagem feminina ao prazer, estabelecendo desta forma uma relação com seus produtos, estimulando as vendas. Refletir sobre a condição sexista na qual as mulheres são e foram representadas, a partir da identificação com as imagens publicitárias, gerou a consciência de que, conforme afirma Loponte (2005) “Há um contínuo sexista na representação da mulher na cultura visual. [...] há um paralelo constante entre as representações sobre mulheres na mídia e as que são construídas através do imaginário artístico” (LOPONTE, 2005, pág. 13)

A respeito da imagem da mulher vestida de noiva, buscou-se refletir a relação de empatia ou antipatia com a “mulher tradicional”. Houve uma aluna quem não se identificou com tal imagem. Ela chegou a afirmar que não se via representada nessa imagem, “já fiz a besteira de me casar, me separei e agora quero viver minha vida, estudar e me formar”. Sobre esta mesma imagem uma outra aluna comentou que hoje em dia é difícil encontrar uma mulher que queira se casar, e trouxe como exemplo a própria filha. Ela disse que a filha estava interessada em trabalhar e viajar para só depois casar. Nesse momento foi comentado também sobre a “inversão de valores”, onde o que antes era considerado ideal para a mulher (casar ter filhos e cuidar da casa), atualmente não é. Contribuí comentando que não só se tratava, negativamente, de uma “inversão de valores”, mas da mudança positiva de alguns valores, tendo em vista a transformação da sociedade, por consequência da luta da mulher por autonomia de ser o que quiser ser, e de ser respeitada.

Após a visita, os estudantes desenvolveram uma atividade educativa relacionada à vivência na galeria. A atividade consistia em recriar, a partir de uma imagem, por meio de recortes de revistas ou jornais, uma fotografia cênica, que poderia ser elaborada inspirada em alguma obra vista na exposição, e ao final, foi promovido uma conversa a partir da criação de cada aluno a respeito do que eles viram sobre a representação da mulher nas imagens visitadas.

Dentre as produções dos alunos destacamos as que se relacionavam à temática debatida sobre a representação da mulher presente nas fotos de “A hora e a vez de Augusto Matraga”, e a produção elaborada a partir da foto “Drácula e outros vampiros”. Nelas os alunos puderam formular toda a informação assimilada durante a visita, e construíram pequenas narrativas utilizando não só imagens, mas palavras, e fizeram intervenções com lápis de cor, e caneta.

A respeito da representação da mulher, uma aluna reproduziu, a imagem de uma mulher, negra, com expressão de espanto (imagem 05). Ela buscou retratar a violência contra a mulher percebida na fotografia do espetáculo “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Para ela a violência contra a mulher trata-se de uma atitude repugnante e que, segundo as palavras da aula: “infelizmente ainda existe”. E completou comentando que já presenciou casos de violência na rua onde mora.



IMAGEM 05 – Produção artística da aluna 01. Fonte: acervo do autor.

Por último, o trabalho que mais me chamou a atenção foi o que se referia à fotografia do espetáculo “Drácula e outros vampiros”. A aluna produziu uma colagem utilizando palavras e figuras que além de questionar a imagem de fragilidade que mulher é retratada, ela questiona questões políticas do período. Ela representou a figura do político brasileiro, na figura de Michel Temer, como vampiro, colocando dois dentes caninos compridos (imagem 06).

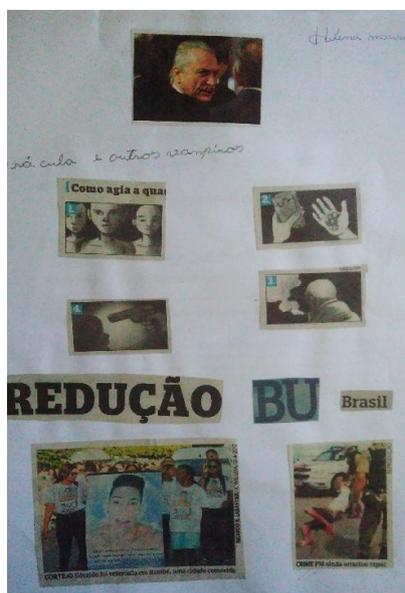


IMAGEM 06 – Produção artística da aluna 02. Fonte: acervo do autor.

Também colocou imagens de violência contra a mulher, abandono, associadas às palavras: Redução, violência, Brasil, e até a uma onomatopeia associada ao terror fantasmagórico “BU”. Aluna comentou que para ela, os homens sugam a força

da mulher, colocando-a numa posição inferior, assim como fazem os políticos brasileiros, vampiros que sugam (roubam) os recursos do país para seu próprio benefício, deixando a população com nada, promovendo desigualdades.

Trabalhar a temática apresentada a partir da proposta arte/educativa cumpriu com o objetivo de educar o olhar, na contemporaneidade. Foi fundamental para processo de formação do cidadão, que como se constata é diariamente bombardeado por estímulos imagéticos, seja através da publicidade, na política, no supermercado, na Internet, recebendo a maioria dessas imagens, de conceitos, e ideias de forma inconsciente e acrítica. Contribuiu-se substancialmente para a compreensão da maneira como se é formulada a representação da mulher nas mídias, que muitas vezes reforça uma perspectiva excludente, discriminatória e machista (sexista), e que estimula, muitas vezes, a reprodução de pensamentos distorcidos, ações de discriminação e ódio.

CONCLUSÕES:

Diante da proposta exposta podemos concluir que o ensino da arte, na contemporaneidade, pode ir além do objetivo de ampliar o repertório visual, promovendo acesso à diferentes culturas, conceitos, períodos históricos. Por isso a proposta deve nos convidar a subverter, a questionar práticas sociais apresentadas por meio de imagens, conforme comenta o autor quando diz que as produções artísticas devem ser consideradas “como práticas sociais, que nos permitem não só responder à pergunta ‘o que vemos ou sentimos’ ante um quadro [...], mas em que lugar nos coloca como sujeitos” (HERNANDEZ, 2011, p. 41). Compreender a importância da aproximação do conhecimento com a cultura visual, e com as experiências de vida do aluno, incorporando problemáticas que vão além da esfera racionalista histórica são necessárias, pois, segundo o autor, contribui para a deslocalização do olhar, a partir da exploração de relatos discursivos que limitam a interpretação de si mesmo e da sociedade em que vivem.

Seguindo a concepção de Hernandez que aconselha “a análise dos trabalhos dos alunos poderia ser não só da ótica de estarem bem ou mal realizados, mas sim levando em conta a exigência cognitiva das tarefas propostas” (HERNANDEZ, 2007, p. 149) podemos intuir que a metodologia de ensino abordada visou realizar uma avaliação formativa, onde se pudesse identificar a construção de pensamentos, aprendizado, de cada aluno, através da participação do mesmo nos debates e na produção artística.

O trabalho desenvolvido com os estudantes da EJA promoveu a compreensão dos discursos sexista dominantes sobre a figura feminina, e presentes não só nas representações publicitárias, mas também em ações, palavras.

Contribuiu também para o repensar do olhar sobre representações sociais e culturais da mulher. Acredito que foi de fundamental para a formação crítica de cidadão, pois contribuiu para a ampliação do olhar transformador sobre um tema tão importante que recorrentemente é debatido, e contribuiu principalmente para o repensar de atitudes, afirmações, que inconscientemente são reproduzidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Editora C/ Arte. Belo Horizonte, MG. 1998.

FLECK, Débora Balzan. **A imagem do feminino: interfaces com vênus**. Dissertação de mestrado, Programa de especialização em pedagogia da Arte da UFRGS. 2011. Disponível no site: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29259/000776269.pdf?sequence=1>. Acessado em 20 de abril de 2017

HERNANDES, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Editora Mediação. Porto Alegre, SC. 2007.

HERNANDES, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Editora Artmed. Porto Alegre, SC. 2000.

HERNANDES, Fernando. **Educação da cultura visual**. Editora UFSM. Santa Maria, RS. 2011.

LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas pedagógicas para o século XXI: a orientação digital e humanismo ético**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2016

LOPONTE, Luciana Grupelli. **Cultura Visual, Gênero, Educação e Arte**. 2005. Disponível no site: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/viewFile/12469/7386>. Acessado em 20 de abril de 2017